

## ESTUDO DE RECEPÇÃO DE JOVENS: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES

Marli dos Santos

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2004) e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1998). Graduada em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda (1979) e Jornalismo (1989) pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Docente titular do curso de Jornalismo e Relações Públicas e do Programa de Lato Sensu em Comunicação Empresarial da Metodista, nos quais ministra disciplinas teóricas e práticas e orienta projetos e trabalhos de conclusão de curso.

### Resumo

Este artigo apresenta percursos metodológicos em pesquisa de recepção com jovens, na qual a análise do discurso também se constitui em uma opção teórico-metodológica para desvendar os sentidos atribuídos por jovens aos conteúdos midiáticos. Enfatiza a necessidade de utilização de diversas técnicas, como observação direta, entrevista, grupos focais, e essencialmente a consciência de que se deve construir em conjunto, pesquisador e pesquisado, os caminhos a percorrer, uma vez que é o sujeito de pesquisa quem dá as pistas.

**Palavras-chave:** Estudos de recepção; Análise do discurso; Jovens

### Resumen

Este artículo presenta las vías metodológicas en la investigación de la recepción con los jóvenes, *en los que* el análisis del discurso es también una teoría de la opción y el método para desentrañar los significados atribuidos por los jóvenes a contenidos de los medios. Hace hincapié en la necesidad de utilizar diferentes técnicas como la observación directa, entrevistas, *grupos focales*, y, esencialmente, el conocimiento de que se debe construir en conjunto, investigador e investigado las maneras de ir, ya que es el sujeto de la investigación que da el pistas.

**Palabras clave:** Estudios de recepción; Análisis del discurso; Jóvenes

### Abstract

This paper presents methodological pathways in reception research with young people, in which discourse analysis is also an option theory and method to unravel the meanings attributed by young people to media content. Emphasizes the need to use different techniques such as direct observation, interviews, *focus groups*, and essentially the knowledge that should be built together, *researcher and researched* the ways to go, since it is the research subject who gives the clues.

**Keywords:** Reception studies; *Discourse analysis*; Young

### **1. Introdução**

Quando se decide fazer uma pesquisa de recepção com jovens, ainda mais quando o assunto é drogas, as surpresas podem ser muitas. Por isso, mesmo após a definição dos referenciais teórico-metodológicos, é preciso ter em mente que nem sempre o primeiro caminho será o definitivo.

Neste artigo, meu propósito é refletir sobre a metodologia e as técnicas de abordagem em uma pesquisa de recepção, tendo como referenciais teóricos os Estudos de recepção e a Análise do discurso, da escola francesa, contextualizados na pós-modernidade, na urbanidade, na cultura da globalização - do cotidiano e do consumo.

Para perceber os sentidos negociados pela recepção a partir dos conteúdos dos meios de comunicação é preciso uma operação metodológica complexa, na qual várias etapas são realizadas, considerando obviamente o problema da pesquisa e os objetivos.

Esse percurso é um processo de amadurecimento do pesquisador, que exige revisão e retomada. Porém, é importante ressaltar que o caminho não é decidido pelo investigador. As pistas são dadas pelo próprio “sujeito da pesquisa”, que observado em seu meio social e cultural não se torna refém. Ele precisa estabelecer laços com o pesquisador, para então revelar o que se deseja saber.

No caso de jovens, essa afetividade entre pesquisador e pesquisado é fundamental. Estabelecer laços permite o partilhamento do cotidiano, das aventuras e desventuras em uma simples festa. Essa atitude para alguns é desaconselhável, pois pode causar uma visão apaixonada, sem o distanciamento necessário para as análises e reflexões próprias da ciência. Porém, o pesquisador precisa assumir a sua interferência, a sua subjetividade, de modo que não há análise sem esse olhar afetado e afetivo. Mas é preciso, como dizem os antropólogos, estar fora e dentro, para aproximações e reflexões.

### **2. Partindo dos referenciais**

Deslocar os estudos dos meios às mediações significa investigar “as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (BARBERO, 1997, p. 258). É assumir que os sentidos circulam na sociedade, nos grupos, nas comunidades, e sofrem a influência (na produção e na recepção) do ambiente cultural, social e o econômico. No cenário da pós-modernidade, os novos arranjos sociais denominados “fragmentações sociais”, a multiplicidade e as interseções de tempo-espaço são os referentes para uma análise que tente captar a “socialidade” dos grupos e os sentidos que atribuem ao discurso midiático.

Ainda segundo Barbero (SOUSA, 1995), não se pode desvincular a recepção das “estruturas e as condições de produção” dos discursos midiáticos, nem ignorar o conhecimento que o produtor tem de seu público. Mas apesar da natureza econômica, hegemônica e condicionante dos produtos culturais midiáticos, a disseminação de consumos e práticas diversas ocorre de maneiras diferenciadas, de acordo com as temporalidades e matrizes culturais, porque a recepção é um espaço de interação, em que os sentidos são negociados, em que a sociedade se produz e não só se reproduz. Portanto, com brechas de sentido.

De modo análogo, a Análise dos Discursos propõe-se a analisar os sentidos construídos na sociedade. Seu objeto é o discurso e estudá-los como construção social é detectar em um emaranhado de formações discursivas (FDs) os sentidos que circulam, a que “fios ideológicos”<sup>1</sup> eles se prendem, quais os estereótipos criados para disfarçar e naturalizar as ideologias dominantes, as relações de poder que se estabelecem, a história e a linguagem em confluência.

Na Análise dos Discursos a ideologia e a materialidade discursiva se conectam como “processo discursivo-ideológico”, que inscreve, segundo Pêcheux, citado por Brandão:

(...) o processo discursivo em uma relação ideológica de classes, pois (...) se a língua é indiferente à divisão das classes sociais e à sua luta (daí, a relativa autonomia do sistema lingüístico), essas (as classes sociais) não o são em relação à língua a qual utilizam de acordo com o campo de seus antagonismos. (BRANDÃO, 2000, p. 34)

Assim, a tríade básica nas formulações teóricas da AD é: a) condições de produção do discurso (o local de onde se fala, como se fala e para quem se fala); b) a formação ideológica (modelos de representação social) e c) as formações discursivas (no qual que se materializam as ideologias; as formações discursivas estão diretamente relacionadas às formações ideológicas).

Para realizar a AD é preciso ter como norteador o conceito de formação discursiva, que vai submeter o sujeito do discurso, definindo o que pode e deve ser dito. Os sujeitos falantes podem ou não acatar essa sujeição, reproduzindo ou afrontando os sentidos dados às palavras. A ambigüidade, dita por Althusser (1974), é constitutiva da noção de sujeito - entre a “subjetividade livre e a subjetividade assujeitada”.

A união dos dois referenciais, Estudos de recepção e AD, podem ajudar a desvendar os sentidos que os jovens atribuem aos conteúdos midiáticos, tendo como material de análise o texto e o contexto.

### *Jovens no século 21*

O conceito de juventude varia conforme a época, como no caso de outros conceitos, pois os sentidos são construídos na interação social, no cotidiano. Não há como utilizar a faixa etária ou a classe social, gênero ou etnia como determinantes de uma “cultura juvenil” ou “classe juvenil”, como diz Morin (1977, p.137-155). Tampouco determinar um perfil psicológico único, com comportamentos sociais homogêneos, principalmente se considerarmos a contemporaneidade, na qual várias forças concorrem para a formação de uma identidade, numa dinâmica entre o social e o individual. Os valores hegemônicos orientam as perspectivas dos jovens.

O “dado social” e o “dado criador”, como dizia Bakhtin (1981), se mesclam e interagem na grande engrenagem social e cultural (...) Assim, conforme os “costumes”, o sentido da juventude sempre foi o de manutenção ou renovação do presente no futuro, segundo os interesses da sociedade. No mundo adulto se cristalizam os valores sociais e culturais hegemônicos, e eles balizam as perspectivas de futuro do jovem. Portanto, não é a juventude que orienta, de certa forma, o futuro, e sim os adultos. (SANTOS, 2004, p. 74)

A valorização excessiva da juventude hoje também provoca um efeito na formação dos adolescentes. Os adultos não querem envelhecer e, portanto, acabam se espelhando no jovem como ideal social, buscando uma juventude eterna. Esse comportamento dos mais velhos provoca uma carência de modelos para os mais novos. As referências entre as gerações ficam cada vez mais fluidas. A aparente alienação do jovem quanto ao político é um sintoma de decadência das instituições, tal qual elas se configuram hoje.

Na juventude pós-moderna, na medida em que as instituições se enfraquecem, por conseguinte a família e a escola, a dinâmica entre o institucional e o marginal adquire novos contornos. Interação as forças de dominadores e dominados, opressores e oprimidos, não como se fossem estanques, mas matizadas, sincretizadas, pois há brechas que acabam por romper a lógica da dominação. A juventude pós-moderna é uma “thíase” (ordem da fusão) - a convivência de novos e vários arranjos sociais multiformes. Convive e forma várias identidades, e pode assumi-las, conforme as mediações culturais múltiplas que permitem a sobrevivência do grupo. (SANTOS, 2004, p. 75)

Calligaris (2000) afirma que a adolescência é uma moratória imposta pela sociedade, sendo a rebeldia uma consequência. Transformou-se em um estereótipo juvenil, idealizado pela sociedade. Para o sociólogo Rosenmayr (In: BRITTO, 1968, p. 167-168), trata-se de um processo necessário para ocorrer a transição do mundo infantil para o adulto.

Outro aspecto a ser considerado em relação ao jovem, é quanto à formação de grupos, quer seja nas redes virtuais, via internet, ou na vida real. Desde os tempos da

pré-história, passando pela Antiguidade, período no qual vários subgrupos sociais juvenis constituíam a estrutura social, até a contemporaneidade, o homem vive em grupos.

Apesar das forças centrífugas da modernidade, que estimulam a individualidade, a atomização, a sociedade pós-moderna, principalmente nas cidades e metrópoles, engendrou e engendra novos arranjos sociais, com experiências múltiplas. São grupos, ou nas palavras de Maffesoli (2002) tribos, que constroem uma identidade social por afinidades. O consumo se distingue entre os códigos do grupo.

Por qualquer que seja a afinidade - musical, esportiva -, no fundo há a necessidade de sobrevivência e distinção social. No caos social e semiótico, as forças do instituído pressionam à individuação e ao anonimato, desencadeando um processo de sujeição da subjetividade. Porém, deve-se enfatizar que não se anula a capacidade do homem de criar e recriar. Assim surgem os movimentos e as tribos. (SANTOS, 2004, p. 79)

Maffesoli trata esses arranjos de “socialidades”. Diferente de séculos atrás, as novas tribos são passageiras, porém revelam laços de afetividade para a sua existência e formação. O “estar-junto” é o elemento essencial para direcionar as ações do grupo.

Os conjuntos simbólicos (dos grupos) devem, antes, ser compreendidos como matrizes onde, de maneira orgânica, os diversos elementos do dado mundano se interpenetram e se fecundam, suscitando, assim, um vitalismo irreprimível que merece uma análise específica. (MAFFESOLI, 2002, p. 84)

As tribos, ou o “neotribalismo”, de acordo com Maffesoli, surgem como oposição à ideologia dominante, à política oficial, uma resposta à angústia desses tempos. Para se libertarem da racionalização da sociedade, do frenesi diário que rompe as barreiras do tempo/espaço, os grupos remetem a uma dimensão do não-real, dos mitos, remetem também à memória negada. Para forjar uma identidade, os códigos visuais e de comportamento são essenciais. O consumo é um valor social.

Pensar o jovem na perspectiva da sociedade globalizada e de consumo, das “socialidades”<sup>2</sup> e das tribos nas cidades, é um desafio. A transitoriedade do conceito de juventude no processo histórico; a complexidade do fenômeno da globalização; os aspectos do consumo, especialmente o de inserção social e cidadania; e a nova geração e seus arranjos múltiplos e identitários são elementos de um cenário complexo e intrigante.

Diante disso, que caminhos metodológicos percorrer para desvendar os sentidos que jovens negociam a partir de conteúdos midiáticos?

### 3. Preliminares da pesquisa de campo

Para realizar estudos de recepção de jovens sobre conteúdos jornalísticos, as intervenções do pesquisador devem considerar alguns aspectos, além das implicações éticas próprias de estudos como esse.

Na abordagem deve se buscar a confiança do grupo com o pesquisador. Esses receptores se encontram em uma fase de “moratória”, como diz Calligaris. Eles não são reconhecidos nem como adultos nem crianças. Ao mesmo tempo em que se cobram atitudes responsáveis, eles não são considerados aptos para as responsabilidades do mundo adulto. Fora isso, os estereótipos presentes na sociedade acabam banalizando ou discriminando certos comportamentos.

As dificuldades de abordagem são muitas, sendo que a sensibilidade é indispensável para que se alcance os objetivos, ao lado das técnicas utilizadas na pesquisa.

A princípio, é preciso observar comportamentos do grupo que se deseja estudar. Eles têm uma ligação, uma identidade. Esse procedimento depende obviamente do problema de pesquisa, dos objetivos estabelecidos e da revisão bibliográfica.

Para os estudos de recepção de jovens as grandes cidades são cenário farto. A fluidez dos relacionamentos é mais evidente, de modo que a formação de grupos possui um caráter social diferenciado, até porque o contato com diversos conjuntos sociais no cotidiano urbano os remete a buscar no outro a identidade perdida pelo anonimato das relações, expostos às pressões mais variadas presentes na dinâmica das cidades contemporâneas.

Conhecer mais profundamente esses comportamentos orienta os próximos passos da investigação. Para exemplificar as etapas de uma abordagem de jovens em pesquisas de recepção, a seguir, serão relatados os procedimentos realizados em pesquisa realizada com jovens da tribo *raver*<sup>3</sup>, apreciadores de música eletrônica e frequentadores de festas, usuários de drogas ilícitas. O objetivo foi verificar os sentidos que o grupo atribui aos discursos jornalísticos sobre drogas. Os procedimentos obedeceram a diversas etapas, as quais só foram realizáveis à medida que a convivência com os jovens era aprofundada. Era o objeto de pesquisa quem dava as pistas e orientava muitas vezes a conduta da pesquisadora.

### 4. Etapas de abordagem

Um primeiro procedimento foi a observação direta e entrevistas qualitativas com roteiro pré-definido, para conhecimento do contexto no qual os *ravers* estão inseridos. Este procedimento é de seleção e de imersão no ambiente em que estes jovens circulam

e se sentem à vontade, extravasam sentimentos, estabelecem relacionamentos, e revelam a dinâmica social em toda a sua intensidade. No caso do estudo realizado, a participação nas festas foi fundamental.

Na primeira experiência de observação, o estranhamento ocorre em mão-dupla. No caso da pesquisadora, foi como um vôo às cegas, sem uma rota definida, porque é o ambiente que vai dar as pistas para a observação. Há certo desconforto nesse procedimento, seja pela hostilidade de alguns, pela receptividade de outros, pelos códigos não partilhados. De outro lado, o elemento estranho, aquele que observa, causa incômodo, interfere, altera o ambiente.

As observações servem como um mapeamento do ambiente, das relações, de identificação dos códigos previamente estudados. Nessa imersão às “cenas”, ao locus, as entrevistas feitas por acessibilidade ajudam a desvendar semelhanças e diferenças entre comportamentos. Um roteiro previamente estabelecido serve como guia. Trata-se de mais um procedimento exploratório.

Nesse garimpo, e no estudo em questão, foi possível a aproximação com um dos informantes, frequentador assíduo de *raves*, morador da periferia de São Paulo. Este passou a ser uma das fontes essenciais da pesquisa, com o qual a convivência se deu por quase um ano.

Nesse período, vários encontros com jovens que pertenciam ao mesmo grupo ocorreram, sempre ciceroneados pelo informante, de forma que o estranhamento dos demais passava a ser superado por meio da confiança que o grupo tinha em relação ao informante.

Os primeiros resultados indicaram que era preciso ampliar o corpus da pesquisa, pois se tratava de um grupo de origem socioeconômica específica: jovens da periferia, com perfil cultural e acesso à mídia diferenciados – os *cybermanos*. Foi, portanto, necessário buscar outro grupo na tribo *raver* com situação socioeconômica privilegiada. Por meio de indicação, chegou-se a outro jovem, o qual também tornou-se um informante. Dessa vez, como já havia conhecimento prévio sobre a tribo e seus subgrupos, o primeiro encontro ocorreu fora do ambiente das festas, em uma cafeteria, e o procedimento de entrevista durou quase duas horas.

Essa primeira etapa resultou em um material farto, com anotações e registros em áudio. As entrevistas, após a transcrição, foram categorizadas a partir do pré-roteiro e de outras informações espontâneas. A análise indicou um novo procedimento de seleção: a realização de grupos focais por origem socioeconômica.

A opção pelo grupo focal se deveu à evolução na seleção e análise do *corpus*. Como

técnica metodológica para atingir o objetivo da pesquisa, as características do universo - jovens, moradores da Grande São Paulo, freqüentadores de *raves*, apreciadores da música eletrônica e usuários de drogas ilícitas- demandaram a utilização da mesma, pois as experiências sociais de determinados grupos são compartilhadas.

Embora as vivências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida elas são o resultado de processos sociais. Nesse ponto, a representação de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas (BAUER; GASKELL, 2001, p. 39-62).

Os membros dos grupos focais selecionados formavam “grupos naturais”.

Nos grupos naturais, as pessoas interagem conjuntamente; elas podem partilhar um passado comum, ou ter um projeto futuro comum. Eles podem ler os mesmos veículos de comunicação e ter interesses e valores mais ou menos semelhantes. Neste sentido, grupos naturais formam um meio social. (BAUER; GASKELL, p. 71)

Para corroborar ou não os indícios obtidos na etapa anterior, e analisar os sentidos que esses jovens usuários atribuem aos discursos jornalísticos sobre drogas, os critérios de escolha dos dois “grupos naturais” tinham como diferencial a classe social, porém, sem o rigor estabelecido em tabelas de classificação socioeconômicas, como a “Tabela Brasil”, que atribui uma pontuação de acordo com quesitos preestabelecidos.

Para detectar as características dos membros que compunham os grupos, foi aplicado um questionário sucinto, com perguntas fechadas e abertas, que ajudou a traçar perfis resumidos dos GFs.

O primeiro, o de jovens da periferia da Grande São Paulo, tinha idade entre 19 e 22 anos, a maioria era homem com Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto, trabalhadores, freqüentadores de festas com música eletrônica semanalmente, todos usuários de drogas, principalmente maconha e cocaína. O segundo grupo, o de bairros nobres da cidade, idades entre 21 e 22 anos, maioria homem, estudantes universitários, frequentadores de festas semanalmente e usuários de drogas, principalmente maconha e ecstasy.

Como os participantes já se conheciam, essa foi considerada uma vantagem, pois eram grupos sociais particulares, e o conhecimento entre eles propiciou um ambiente mais descontraído, no qual as falas foram mais desinibidas e reveladoras. A rigor, a presença do moderador pode ser um elemento estranho, porém, o fato de ter sido estabelecido um contato mais próximo com um dos participantes em momento anterior, favoreceu um clima de confiança.

Após o preenchimento do questionário de identificação dos membros do grupo, foram utilizadas, para fins de estímulo, as matérias jornalísticas divulgadas em veículos da grande imprensa e os especializados em jovens, incluindo mídia impressa e eletrônica.

Não houve um controle rígido sobre a atenção dos participantes durante a leitura das matérias e nem do conteúdo assistido no vídeo, pois o objetivo era o material servir apenas como estímulo aos participantes do grupo. O Grupo 2 se concentrou mais. Um dos motivos foram as condições ambientais e a possível proximidade destes com a leitura.

O tempo de duração dos GFs foi em média de 80 minutos. As falas foram transcritas, sendo as condições de sua realização consideradas na próxima etapa de análise.

### 5. Os sentidos

Para realizar a análise dos discursos dos dois grupos e atingir os objetivos propostos, primeiramente procedeu-se a escolha de marcadores linguísticos utilizando autores como Maingueneau (2000), Koch (2002), Urbano (In: PRETTI, 1999) e Pinto (1999).

As categorias de análise da superfície linguística foram escolhidas pela analista, após um intenso contato com o discurso transcrito, das anotações durante a realização do grupo focal, das observações nas festas, dos contatos com alguns componentes do grupo durante vivência ao longo de um ano.

As categorias são: os *marcadores conversacionais* (né, entende, entendeu, sabe, certo, lógico, ah sim), que demonstram o envolvimento dos participantes de uma conversação, em maior ou menor grau (URBANO In: PRETTI, 1999); o *tempo verbal*, para identificar as atitudes do enunciador, mais que a temporalidade (KOCH, 2002); os *modalizadores expressivos* (substantivos, adjetivos, advérbios, verbos) utilizados com função avaliativa (PINTO, 1999); *pronomes*, que indicam o envolvimento dos participantes e o sucesso da interação - maior ou menor - dos enunciadores, segundo Maingueneau.

Outros marcadores do discurso, como os *operadores argumentativos ou discursivos*, foram considerados na análise. Para Koch eles são a "(...) macrossintaxe do discurso ou semântica argumentativa, que vai recuperar esses elementos, por serem justamente eles que determinam o valor argumentativo dos enunciados, constituindo-se, pois, em marcas linguísticas importantes de enunciação" (2002, p.103). O *discurso direto* serve, num plano, para identificar o enunciador como fonte do enunciado, mas eximindo-o da responsabilidade do mesmo. (MAINGUENEAU, 2000). O *discurso indireto* atribui a responsabilidade do enunciado a outro, que não o enunciador. O *provérbio* indica enunciações anteriores, apagando a fonte enunciativa, apoiando-se na memória dos co-enunciadores e de si mesmo, e em propriedades linguísticas, tais como: estrutura binária, rimas, correlaciona partes iguais ou aproximadas de sílabas, simetrias sintáticas ou semânticas; construções ou pala-

vras arcaicas. A *ironia*, quando o enunciador desqualifica a enunciação; as *gírias* buscam aprovação discursiva pelo uso das mesmas gírias, que indicam um compartilhamento do grupo; o *jargão*, “linguagem corrompida ou gíria profissional” (FERREIRA, 2004, p.495), não está presente como marcador nas obras mencionadas, mas é altamente indicador do campo discursivo, ou formação discursiva, mantendo a identidade do grupo. Pode tanto valorizar quanto desqualificar seu enunciador, dependendo do co-enunciador.

Salienta-se também que a análise foi realizada sobre o discurso oral, o que requereu também a busca de referenciais, para adequar a análise. Numa situação de conversação, há vários tipos de intervenção do co-enunciador: a aprovação, com a utilização de expressões: “Isso mesmo!”, “Veja só!”, entre outras, bem como

(...) intervenções não-verbais (a mímica, os gestos) acompanhando a fala; elipses quando um objeto está presente no ambiente (‘você viu...?’); inúmeros embreantes, cujos referentes são identificados em relação à situação de enunciação (eu, aqui, amanhã); (...) modalizações que comentam sua própria fala para corrigi-la, para antecipar-se às reações do co-enunciador etc: ‘por assim dizer’, ‘ou melhor...’, ‘em todos os sentidos da palavra’, ‘como é que se diz?’ etc. (MANGUENEAU, 2002, p. 74-76)

Além disso, na oralidade é possível detectar formas “fáticas”, cujo objetivo é estabelecer o contato ou mantê-lo (“olha só”, “esse é um bate-papo!” etc), além das entonações que não foram consideradas por limitações metodológicas.

Independentemente de qualquer marca discursiva, assume-se que as interações entre formações discursivas podem ocorrer mesmo quando o “Outro” não está indicado por meio de marcas no discurso (BRANDÃO, 2002).

“O que equivale a dizer que ao analista cabe apreender não só uma Formação Discursiva, mas também a interação entre formações discursivas, uma vez que a identidade discursiva se constrói na relação com um Outro presente lingüisticamente ou não no intradiscurso. Cabe ao analista entender não só as afirmações discursivas como as interações entre formações discursivas, uma vez que a identidade discursiva se constrói na relação com um Outro presente ou não lingüisticamente no intradiscurso.” (BRANDÃO, 2002, p.75)

Não só as interações entre “formações discursivas” podem ser analisadas pelas não-marcas, como também os sentidos que foram evitados pelo enunciador. Por isso, tão importante quanto o dito é o não-dito. Os enunciadores e co-enunciadores, pressionados pela situação comunicativa, que restringe o seu discurso, podem utilizar o “mecanismo de silenciamento”. Segundo Orlandi,

... mecanismo de silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas

diferentes FDs, pelo seu jogo. Com o apagamento de sentidos, há zonas de sentido, e, logo, posições do sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interditas. (ORLANDI, 1990, p.52).

Assim sendo, as condições de produção do discurso, que nos remete à história e à ideologia em confluência, são decisivas para o entendimento das relações entre texto e contexto.

Essas decisões de análise ocorreram após intenso diálogo com o material coletado na pesquisa de campo, pois não há manual para o analista, é o próprio discurso que vai mostrar como proceder e que escolhas fazer.

## **6. Lições**

Como já foi dito no início, nem sempre o plano de voo nos leva a algum lugar quando se trata de pesquisa, especialmente estudos de recepção. Algumas vezes a rota é traçada em pleno ar. Se ainda tratar de jovens, por tudo o que representa essa fase de moratória e de transformações biológicas, psicológicas e sociais, os cálculos são ainda mais complexos.

Esse exercício metodológico na abordagem de jovens ensinou-me algumas lições: a importância de estar no meio social da recepção, a observância do cotidiano dos jovens, a interação com o outro, o exercício de estar fora e dentro ao mesmo tempo. Fora isso, o domínio das técnicas e o conhecimento teórico-metodológico necessário, inclusive para poder tomar as decisões mais adequadas a cada momento.

Mas não é possível tirar dessas lições um procedimento único, seria pretensão. Nem é o objetivo. A ideia é que esse exercício metodológico possa ser visto como um processo de amadurecimento necessário ao pesquisador. A análise de discurso, a observação direta, as entrevistas em profundidade e grupos focais constituíram um caminho possível para entender os sentidos que os jovens usuários de droga atribuem ao discurso midiático sobre o tema, especialmente o jornalístico.

Além disso, a interface entre campos de saber pode ser profícua, como na experiência exposta, possibilitando uma pesquisa empírica a qual tentou revelar os modos de apropriação de conteúdos midiáticos no cenário complexo da contemporaneidade por meio de discursos.

**Referências**

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Presença – Martins Fontes, 1974.
- BAUER, Martin W. E GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 8ª ed., Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. 6ª Ed.rev.atual. *Mini Aurélio*. Curitiba: Posigraf, 2004.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7ª Ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro SOUSA. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002, 39-68.
- \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo – 2. Necrose*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977, 131-155.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 3ª Edição, 2001.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. *Língua falada e língua escrita*. In: PRETTI, Dino (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, 13-54.
- ROSENMAYR, L. *A situação sócio-econômica da juventude de hoje*. In: BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude I*, 1968, 133-173.
- SANTOS, Marli. *Cenas e sentidos na tribo raver: a ordem da fusão*. 2004. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, SP.
- URBANO, Hudinilson. *Marcadores Conversacionais*. In: PRETTI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, 81-102.

**Notas**

<sup>1</sup> Essa denominação é utilizada por Bakhtin, no livro “Marxismo e filosofia da linguagem”, 1981. Os “fios ideológicos” aos quais o autor se refere dizem respeito à polifonia dos discursos, formados por posições ideológicas que perpassam a história e o cotidiano.

<sup>2</sup> Denominação utilizada por Maffesoli (2002).

<sup>3</sup> Raver é o nome utilizado para identificar os frequentadores de raves, festas que reúnem de centenas a milhares de jovens em locais geralmente afastados, como chácaras e prédios desabitados, chegando a durar mais de 24 horas. As festas são animadas por música eletrônica, com a presença de DJs que mixam ruídos, efeitos sonoros e músicas em pick-ups, entre outros aparelhos eletrônicos.